

A OBRA FROM SEA-BATHING TO BEACH-GOING: A SOCIAL HISTORY OF THE BEACH IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL E A CONTRIBUIÇÃO DE SEU AUTOR, BERT J. BARICKMAN, PARA A HISTÓRIA DO LAZER

Recebido em: 13/02/2023

Aprovado em: 28/05/2023

Licença: 

*Rafael Fortes*¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7071-3725>

RESUMO: Este texto resenha a obra póstuma *From Sea-Bathing to Beach-Going: A Social History of The Beach in Rio de Janeiro*, de autoria de Bert J. Barickman e edição de Hendrik Kraay e Bryan McCann. Discute o teor dos capítulos da obra, assim como as contribuições desta para a história do Rio de Janeiro, da praia, da cidade e do desenvolvimento urbano, do turismo e, evidentemente, do lazer. Para tanto, associa o livro e suas discussões a obras históricas sobre alguns desses assuntos. Da mesma forma, explora o quanto o fazer história do autor é uma relevante contribuição para a história do lazer.

PALAVRAS-CHAVE: Praia. História do lazer. Banho de mar.

THE BOOK FROM SEA-BATHING TO BEACH-GOING: A SOCIAL HISTORY OF THE BEACH IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL AND THE CONTRIBUTION OF ITS AUTHOR, BERT J. BARICKMAN, TO THE HISTORY OF LEISURE

ABSTRACT: This text reviews the posthumous work *From Sea-Bathing to Beach-Going: A Social History of The Beach in Rio de Janeiro*, authored by Bert J. Barickman and edited by Hendrik Kraay and Bryan McCann. It gives an overview the book's chapters content, as well as its contributions to the history of Rio de Janeiro, the beach, the city and urban development, tourism and, of course, leisure. To this end, it associates the book and its discussions with historical works on some of these subjects. Likewise, it explores how much the author's historical approach is a relevant contribution to the history of leisure.

KEYWORDS: Beach. History of leisure. Sea-bathing.

¹ Professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Possui graduação e pós-doutorados em História. Editor responsável por *Recorde: Revista de História do Esporte*.

Numa tradução livre², o livro póstumo do professor Bert J. Barickman se chama *Do Banho de Mar ao Ir à Praia: Uma história social da praia no Rio de Janeiro, Brasil*³.

“Ele ensinou História do Brasil e da América Latina por 27 anos” na University of Arizona (Love, 2017). Ainda de acordo com Love (2017), “ele obteve todos os seus títulos pela University of Illinois e também um mestrado com o historiador Ciro Cardoso na Universidade Federal Fluminense”. Ele faleceu em novembro de 2016⁴, o que interrompeu a escrita de uma obra que pretendia construir uma história do frequentar a praia no Rio de Janeiro entre a primeira metade do século XIX e o final do século XX. Ela seria o resultado de uma pesquisa que empreendeu ao longo de mais de 10 anos. Interrompida pela morte precoce de seu autor, agora é publicada graças ao trabalho e à generosidade dos colegas Hendrik Kraay (Universidade de Calgary) e Bryan McCann (Universidade de Georgetown), que editaram o material: quatro capítulos inéditos e um quinto, que é a tradução para o inglês de um artigo publicado em português em *Recorde: Revista de História do Esporte*. Kraay escreveu a introdução e McCann, o epílogo. Os editores avisam que, entre os capítulos quatro e cinco, falta um, que exploraria “todo o espectro de atividades que os cariocas vieram a associar ao ir à praia” (p. xix). *From Sea-Bathing to Beach-Going* argumenta, com uso extenso de fontes, que os cariocas se banharam no mar ao longo de todo o século XIX. Mais do que isso: fizeram-no para se divertir. O livro que o pesquisador estava escrevendo “era sobre

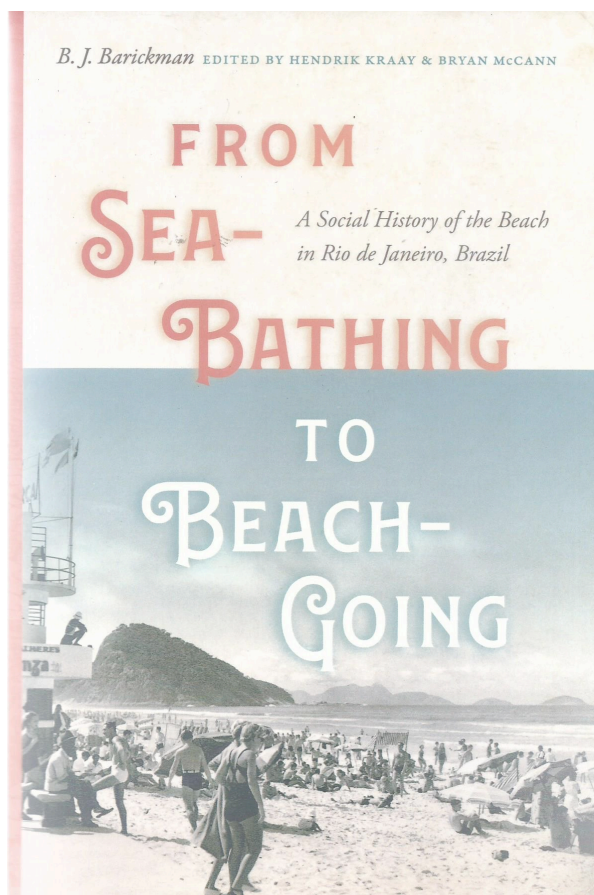
² Todas as traduções para o português presentes neste artigo foram feitas por mim.

³ Sobre este livro, ver também a resenha de Booth (2022a, 2022b), publicada em português e em inglês por *Recorde: Revista de História do Esporte*.

⁴ Foram publicados necrológios em sites, blogs e periódicos, como os escritos pelo orientador de mestrado de Barickman, Joseph L. Love (2017); um de minha autoria reproduzido no blogue *História(s) do Sport*: Disponível em: <https://historiadosporte.wordpress.com/2016/11/18/uma-breve-homenagem-a-bert-j-barickman-1958-2016/>; e outro de Álvaro Nascimento, publicado no site *Conversa de Historiadoras*: <https://conversadehistoriadoras.com/2016/11/13/bert-barickman-1958-2016-um-contraponto-praiano-por-alvaro-nascimento/>. Acessos em 16 mai. 2023

o banho-de-mar e o ir à praia, e não uma história da praia” (p. xx)⁵. Contudo com o título do livro sugere, ele pode *também* ser considerado uma história da praia (ver imagem 1, capa do livro, abaixo).

Imagem 1: Capa do livro



Embora não anuncie isso, do ponto de vista geográfico, o livro enfoca o trecho de orla que vai do Centro até o Leblon. Isso significa deixar de fora um conjunto de áreas de banho e de ida à praia, embora haja menções esporádicas a elas, como às praias do Caju e de Ramos (p. 78).

O capítulo um trata do banho de mar no século XIX e princípios do XX. Ele evidencia que a prática se dava em dois períodos específicos do dia: antes do amanhecer

⁵ Este é um dos pontos em que, em minha avaliação, ele se aproxima bastante de outra estupenda obra sobre o assunto, *Australian Beach Cultures*, de Douglas Booth (2001).

e de manhã cedo: “os primeiros banhistas começavam a chegar às praias da cidade às três ou quatro horas da manhã; a maioria deles estava fora da água e a caminho de casa ou do trabalho antes das seis ou sete, e, às nove e meia, as praias estavam praticamente vazias de banhistas” (p. 10). O texto articula tais horários, aos hábitos de sono e de dormir da população, com farta descrição de fontes.

Aliás, o cuidado com as fontes é uma característica notável da obra⁶. Praticamente todos os parágrafos têm citação de fontes ao final, agrupadas em uma mesma nota de rodapé. Na grande maioria dos casos, duas ou mais fontes são utilizadas; frequentemente, o autor aponta mais de uma dezena para sustentar aquilo que afirma.

Tal proceder é, também, um modo de fazer história e de construir o texto, privilegiando a descrição de dados, que embasa uma posterior argumentação. Vai, portanto, na direção contrária ao modo de operar que predomina entre os trabalhos sobre o passado do lazer, orientados por uma visão ensaística, em que as ideias e os autores são privilegiados e as fontes, exemplos e casos aparecem ao final – em geral, pinçados apenas para corroborar aquilo que o autor já iria dizer de qualquer maneira, independentemente de pesquisa empírica abrangente e sistematizada.

O texto de Barickman confronta mitos fundadores e com grande parte da bibliografia e da historiografia a respeito da frequência ao mar e às praias no Rio de Janeiro. Não que seu trabalho tenha por objetivo *corrigir* os equívocos de textos alheios; mas fazê-lo se torna inevitável em certas partes da obra⁷. No caso do banho de mar, apresenta evidências que derrubam o mito fundador de que teria sido iniciado em 1817 por D. João VI: o banho de mar já era algo tão usual na década em questão que havia um empreendimento comercial relacionado a ela. Outro mito fundador é a atriz

⁶ A pesquisa documental realizada por Barickman é abordada na parte final deste texto.

⁷ Há casos em que os erros são apontados no corpo do texto. Noutros, isto ocorre nas notas. Cf., por exemplo, notas 72 (p. 199), 52 (p. 216) e 63 (p. 226).

Sarah Bernhardt sendo pioneira do banho de mar em Copacabana⁸. Trata-se de erros da historiografia, reproduzindo acriticamente afirmações do senso comum, mas que não se sustentam quando confrontadas com as fontes⁹.

A partir da segunda metade do século, o mercado em torno do banho de mar se desenvolveu ainda mais, com empresas vendendo roupas e acessórios e diferentes tipos de estabelecimentos oferecendo aluguel de quartos (para se trocar de roupa, para o banho em si e para a guarda de pertences). Nas duas décadas finais do XIX, empresas ofereceriam descontos e vantagens ao cliente que comprasse um pacote de 30 banhos. Diversas invenções foram tentadas, realizadas e patenteadas para explorar economicamente tal mercado e oferecer facilidades ao público. O texto examina documentações estatais relativas, por exemplo, aos pedidos de registro de patente e de licenciamento para construção de estabelecimentos nas áreas de banho ou próximos a elas. Isto evidencia que o potencial comercial em torno da prática do banho de mar foi rapidamente identificado e explorado – o que caminha na direção contrária de certas visões idealizadas sobre o passado do lazer, as quais apontam os primórdios (situados em séculos ou décadas passadas) como períodos românticos em que o fenômeno supostamente estaria a salvo das garras do capitalismo.

No grande painel do século XIX na cidade construído por Barickman aparecem leis sendo aplicadas seletivamente (a depender de quem eram os sujeitos envolvidos), perseguição policial a segmentos da população, a maior parte dos cariocas dependendo de transporte coletivo para se deslocar e, nos anos 1880, o corpo de bombeiros desrespeitando “a legislação e extraindo areia da praia do Flamengo” (p. 12). Entre os muitos casos citados de escravos que tomavam banho de mar, está o de Dionísio, que,

⁸ Nota 41, p. 214.

⁹ Mas, claro, os ensaios, os trabalhos científicos construídos sem leitura da bibliografia sobre o assunto, os livros de jornalistas e demais obras provavelmente continuarão consagrando mitos fundadores e ignorando o livro de Barickman – o que, no caso de trabalhos científicos, é imperdoável e injustificável.

em 1885, foi “preso quando a polícia o pegou banhando-se nu no Flamengo” (p. 56). Estes casos se coadunam com a visão defendida por Chalhoub (1990), de que, nas quatro últimas décadas de escravidão na Corte, parcela significativa dos escravos levava uma vida distinta daquela estabelecida pela historiografia clássica (geralmente associada ao trabalho em lavouras, engenhos, minas etc.). A prisão de Dionísio permite ainda tratar de outro aspecto:

A repressão do banho nu era parte de um esforço mais amplo por parte da polícia e de outras autoridades para controlar e regular o comportamento dos cariocas de classe baixa, incluindo, antes de 1888, os escravos. Ela também se encaixava num projeto de “civilizar” e “europeizar” o Rio de Janeiro, que data desde, ao menos, a chegada da Corte Portuguesa em 1808 (p. 57).

Os critérios utilizados para decidir que pessoas, em que situações e com quais vestimentas configuravam ofensas à moralidade eram largos e aplicados de forma discricionária. Outrossim, a ausência de regras de segregação nas áreas de banho criava situações ambíguas e permitia aos cariocas uma série de contatos, aproximações e atos inviáveis nas demais áreas públicas urbanas. Por exemplo, no século XIX, “uma falta de segregação por sexo era a regra nas praias da cidade: mulheres e homens se banhavam juntos”, algo que se manteve ao longo do século XX (p. 54)¹⁰. Isto marca uma diferença entre a história do frequentar a praia na cidade e o que se deu alhures, como em Sydney (Austrália), onde, durante um período do século XX, havia cercas na areia separando trechos de praia que deveriam ser frequentados por homens e mulheres (BOOTH, 2001).

A inexistência de segregação formal também se refere ao parâmetro racial, diferentemente do que ocorreu nos séculos XIX e XX em praias de países como África do Sul e Estados Unidos¹¹. Nos anos 1960, havia praias segregadas *formalmente* na Flórida e “na prática” na Califórnia (WESTWICK e NEUSHUL, 2013, p. 167). Na

¹⁰ Cf. também nota 78, p. 208.

¹¹ Sobre a segregação racial no surfe e em praias californianas nas décadas finais do século XX, ver também o filme *White Wash* (direção: Ted Woods, 2011).

África do Sul, a segregação das praias integrava as políticas mais amplas de *apartheid* relativas às áreas de lazer, que, por sua vez, estavam de acordo com a política geral (*apartheid*) implantada pelo Partido Nacionalista a partir da ascensão ao poder, em 1948 (BOOTH, 1998; NAURIGHT, 1997; THOMPSON, 2011a, 2011b).

Como noutros casos relativos ao racismo no Brasil, a ausência de regras e proibições não significa liberdade absoluta e que a convivência de pessoas *juntas e misturadas* fosse o mais comum. Pelo contrário, “fotos de Copacabana e Ipanema entre os anos 1920 e os 1970 publicadas nas principais revistas ilustradas muito raramente mostram banhistas que podem, com qualquer parâmetro real de certeza, ser classificados como negros” (p. 230). Barickman ressalta ainda que restrições relativas ao uso das praias foram estabelecidas em diferentes lugares do mundo, mas “há poucos trabalhos sobre elas” – fenômeno que também observo no que diz respeito às restrições no Brasil, especialmente quando se trata de atividades de lazer no quartel final do século XX (p. 232)¹².

Enquanto o capítulo um se ocupa de *como* se praticava o banho de mar e de *quem* o fazia, o dois explora o *porquê*. Ele se inicia apontando o equívoco de praticamente toda a bibliografia existente ao reproduzir as afirmações do cronista Luiz Edmundo de que, até os anos 1920, o banho de mar ocorria exclusivamente por prescrição médica e jamais para fins de recreação¹³. De fato, médicos prescreviam a

¹² Nos anos recentes, uma exceção têm sido as pesquisas relacionadas às proibições e restrições impostas às mulheres em relação à prática de esportes, com destaque para o futebol (BONFIM, 2020; GOELLNER, 2021). Outra é o artigo de Brandão, Machado e Reis (2023). Há um imenso potencial, ainda não explorado, para pesquisas sobre as restrições ao surfe e ao skate no Brasil nos anos 1980.

¹³ Trata-se de mais um caso em que trabalhos de fôlego foram feitos sem pesquisa minimamente adequada de fontes, levando à repetição *ad nauseum* de afirmações que, confrontadas com pesquisa sistematizada, se revelam erradas e, às vezes, absurdas. Para uma discussão sobre isto no campo do lazer, tendo como foco a ginástica no século XIX, ver Melo e Peres (2014), especialmente a introdução. É surreal, mas também sintomático, que, passados quase dez anos do lançamento do livro, textos sobre a ginástica no século XIX continuem sendo publicados no Brasil como se a obra de Melo e Peres e os problemas que ela aponta não existissem. A história do futebol no Rio de Janeiro está repleta de casos em que mitos fundadores e afirmações sem sustentação em dados são reproduzidas e intercambiadas em publicações jornalísticas, memorialísticas e científicas.

imersão no mar como parte do tratamento de diversos males e muitas pessoas se banhavam por este motivo. A visão de que o banho de mar era útil para fins higienistas contribuiu nesta direção. O livro coaduna com o que é defendido por Melo e Peres (2014) ao afirmar que “entre o princípio e meados do século XIX, médicos preocupados com a higiene pública e privada ganharam crescente influência no Brasil” (BARICKMAN, 2022, p. 41), ainda que se deva “evitar exagerar a influência do discurso dos higienistas” (p. 44).

Segundo o autor, a literatura que aponta a exclusividade do banho de mar por razões terapêuticas ignora, por exemplo, elementos básicos como o *calor* que faz no Rio de Janeiro durante boa parte do ano. Sim, é isso mesmo: pesquisadores cariocas ou que passaram pelos arquivos da cidade – penso em especial naqueles que foram obrigados a usar calça comprida para fazer pesquisa em certos prédios públicos durante o período mais quente, que vai do fim de outubro até o fim de março –, ao escreverem sobre o passado, quando inexistiam ventiladores ou aparelhos de ar-condicionado, ignoram a predominância de altas temperaturas e o impacto delas no cotidiano das pessoas.

Em síntese, os dois primeiros capítulos enfatizam uma “atividade praticada na água” (p. 12). Com fartura de fontes, sustentam não só que a prática existia, mas que ela “se tornou cada vez mais comum” na cidade ao longo do período (p. 2). Nos anos 1920, segundo o argumento, desenvolveu-se no Rio de Janeiro uma nova prática: a de ir à praia. É dela que tratam os capítulos quatro e cinco.

Antes deles, intitulado *Sonhando com uma Biarritz brasileira: geografia social e as praias (Dreaming of a Brazilian Biarritz: Social Geography and the Beaches)*, o capítulo três aborda questões relativas às mudanças na cidade e aos investimentos públicos na virada do século, além de esmiuçar no que consistia o “banho de mar” e como ele foi impactado por tais mudanças. Quando afirma que “Santa Luzia, que tinha

pouca ou nenhuma areia, tornou-se a principal praia de banho para os cariocas de classe trabalhadora, média e baixa que moravam nos distritos centrais da cidade depois de 1906”, o autor está diferenciando o *banho de mar* do *ir à praia* – um hábito carioca de cerca de 100 anos, segundo sua tese (p. 77). Além disso, demarca que a atividade se dá em função da água (mar) e prescindindo da existência de areia – o que contrasta com os hábitos da segunda metade do século XX em boa parte do litoral brasileiro, no qual as áreas preferidas são aquelas revestidas de areia, e menos frequentadas aquelas formadas por pedras, arrecifes, mangues, lama etc.

O banho de mar foi muitas coisas ao mesmo tempo:

O banho de mar no Flamengo nos anos 1910 e início dos 1920 constituía, em suma, muito mais do que simplesmente uma forma de se refrescar no verão ou uma ocasião para se conhecer pessoas e fazer novos amigos. Ao menos para os jovens membros de uma burguesia ascendente, tanto homens quanto mulheres, ela significava uma oportunidade de exibir status social (p. 93).

Atravessando todo o livro, tratadas em trechos específicos, estão as questões ligadas à moralidade e às tentativas de controle das pessoas e de seus corpos. Mulheres tinham que lidar com homens tomando banho nus e quase nus. Barickman trabalha com a noção de ambiguidade, assim como associa, o tempo todo, tais questões às negociações em torno do “uso do espaço público urbano”, as quais, segundo seu argumento, constituem um aspecto central da vida cidadina no Rio de Janeiro, principalmente nas ruas, áreas e bairros próximos aos locais de banho e/ou praias (p. 53). Homens iam à praia para ver as mulheres se banharem. Embora tenha sido difícil encontrar dados relativos ao corte de sexo/gênero, o texto afirma que as mulheres “constituíam uma minoria significativa dos banhistas” (p. 29).

O capítulo aborda ainda os projetos de modernização levados a cargo pela Prefeitura que causaram a destruição de milhares de locais de moradia e de fontes de renda dos estratos mais baixos da classe trabalhadora próximos às praias (p. 72). Não

obstante, “nas primeiras décadas do século XX, várias fábricas têxteis grandes, com vilas de casas de trabalhadores, operavam na Zona Sul” (p. 74)¹⁴, o que contribuiu para que muitas pessoas que poderiam ser classificadas como pretas e pardas morassem na Zona Sul¹⁵.

Outra face das mesmas escolhas políticas foi o intenso investimento de dinheiro público – principalmente da Prefeitura da Cidade – no bairro de Copacabana a partir dos anos 1920¹⁶. Tudo isto fazia parte de um plano de tornar o bairro um balneário que atraísse turistas estrangeiros. O plano deu errado:

[...] longe de ser transformada em uma Miami Beach, Biarritz, Deauville ou Ostend brasileira, Copacabana, no final dos anos 1930, não havia se tornado sequer uma versão carioca de Santos.

O que faltava era um mercado que pudesse justificar os investimentos necessários para transformar as praias oceânicas da cidade em um *resort* de larga escala, em estilo norte-americano ou europeu, para os cariocas ricos e para os turistas (p. 86).

Nas páginas subsequentes, o autor exhibe dados relativos à quantidade de turistas que visitavam a cidade, principalmente estrangeiros. Os números são baixíssimos, mesmo se comparados a pequenos destinos de veraneio no litoral inglês. A situação não se alterou nas décadas seguintes: “a posterior era das viagens aéreas internacionais em massa tampouco tornou o Rio de Janeiro um destino internacional importante para os turistas que iam à praia” (p. 89). A isto se soma a fraqueza econômica do mercado interno, a despeito da população significativa: “baixas rendas e a disponibilidade de praias muito mais próximas dos outros centros populacionais brasileiros obstruíram o desenvolvimento do turismo doméstico” (p. 89). Chegando a afirmações conclusivas após explorar exaustivamente as fontes, o autor afirma que “o turismo não

¹⁴ Sobre as expressões Zona Sul e Zona Norte, ver nota 20, p. 212.

¹⁵ Isto favorece a hipótese de que a popularidade de clubes de futebol com sede nesta parte da cidade (Botafogo, Flamengo e Fluminense) está relacionada à existência deste quantitativo de trabalhadores residindo, circulando e se divertindo nos mesmos bairros (e em bairros contíguos) em que os times *mandavam* suas partidas. Esta hipótese contraria a maior parte do que se escreveu – trabalhos científicos e de outros tipos – sobre a disseminação do futebol no Rio de Janeiro. Subsídios relevantes para sustentá-la estão em trabalhos de João Manuel Casquinha Malaia Santos, Nei Jorge dos Santos Júnior e Victor Andrade de Melo.

¹⁶ Inclusive em empreendimentos que seriam fechados na década seguinte.

desempenhou papel relevante no desenvolvimento das praias oceânicas do Rio de Janeiro, diferentemente de tantas outras cidades famosas por suas praias e areias banhadas por muito sol” (p. xviii).

O capítulo quatro explora a emergência e o desenvolvimento completo, nas décadas de 1920 e 1930, de “uma forma reconhecivelmente moderna de ir à praia em Copacabana e Ipanema” (p. 100). Quatro pontos principais são explorados: “o desenvolvimento de Copacabana como um bairro da moda e de elite; o crescimento da quantidade de automóveis; o estabelecimento de um serviço efetivo de salvamento nos anos 1910; e, talvez o mais importante, a ascensão do bronzamento como um modismo” (p. 100).

Utilizando anúncios classificados de jornais, Barickman argumenta que, a partir de meados dos anos 1910, os próprios moradores do Rio de Janeiro e cidades adjacentes constituíam um mercado consumidor para o setor imobiliário dos bairros citados (incluindo o Leblon), alugando imóveis e se hospedando em hotéis durante a “temporada de banho” (p. 112).

Como parte do mesmo processo, Copacabana e Ipanema “se beneficiaram de investimentos desproporcionalmente generosos do governo municipal e das empresas multinacionais¹⁷ de serviços públicos”. Não obstante, moradores destes bairros enviavam cartas aos jornais reclamando daquilo que consideravam *falta de investimentos da Prefeitura*. Quer dizer, os residentes de bairros da cidade bastante privilegiados com dinheiro público afirmavam que se dava justamente o contrário (da realidade) e pleiteavam ainda mais recursos. Segundo Barickman, o favorecimento destas áreas data da administração Pereira Passos e avança pelas seguintes.

¹⁷ Empresas cuja propriedade era estrangeira.

Em diferentes trechos, o texto ressalta como a imprensa, por sua vez, noticia e repercute os abusos da polícia e das demais autoridades repressivas quando estes se voltam para gente *respeitável*; quando atinge as camadas mais baixas, a regra é o silêncio¹⁸. Esta reatividade seletiva dos periódicos está relacionada aos valores hegemônicos de segmentos específicos da sociedade carioca – dos quais, inclusive, tais veículos muitas vezes são oriundos.

O capítulo cinco se volta para a execução de políticas públicas relacionadas aos costumes, por meio da repressão a frequentadores da praia entre 1920 e 1950. Destacam-se os “grã-finos de Copacabana” revoltados com a atuação da polícia especial na repressão aos banhistas que se vestiam ou se portavam de forma considerada inadequada. Trata-se de um fenômeno que perdura no tempo no Rio de Janeiro: o comportamento-padrão da polícia ao reprimir a população em geral é insuportável para a classe média e a classe dominante (e para os militares) quando aplicado a estes setores.

Estabelecida no início dos anos 1930, a PE (Polícia Especial) recrutava homens fortes e altos; muitos haviam sido selecionados dentre os membros de clubes esportivos. Os atletas da PE logo ganharam uma reputação de serem particularmente violentos, especializando-se em dissolver manifestações políticas e espancar grevistas, estudantes universitários e “esquerdistas” (p. 151).

Contudo, tal atuação foi considerada inaceitável quando praticada em locais frequentados por estes segmentos¹⁹ e voltada a eles próprios, como ocorreu na praia de Copacabana e no bairro como um todo, durante o intervalo de décadas explorado no capítulo: “a polícia inspecionou as roupas de banho de crianças, até daquelas com três ou quatro anos de idade, indo à praia com seus pais” (p. 159). Também importunou motoristas que dirigiam descalços, embora o código de trânsito do período não proibisse a prática (p. 224). Nestas práticas repressivas e nos clamores por ela, havia um pouco de

¹⁸ Barickman (2022) afirma: “não encontrei referências à repressão policial nas praias da Zona Norte e do subúrbio” (p. 232).

¹⁹ Classes média e dominante, inclusive militares.

tudo: “pânico moral”; controle sobre o corpo da mulher e o que esta podia mostrar, fazer e ver em público; ódio de classe (“para as classes média e alta do Rio de Janeiro, o propósito principal da polícia era controlar os pobres e a classe trabalhadora, e assim manter a ‘ordem’”, p. 162).

Barickman argumenta que práticas cotidianas podem introduzir mudanças no uso do espaço público urbano, inclusive naquilo que acaba se tornando aceito pelas autoridades, a despeito de setores da sociedade demonstrarem contrariedade. Isto ocorreu com o uso de roupas de banho pelas ruas de Copacabana, Ipanema e Leblon, ainda que boa parte do comércio local siga – em 2023 – apresentando restrições, geralmente expostas em cartazes na entrada, proibindo homens sem camisa e pessoas em trajes de banho.

Aqui me permito inserir duas recordações pessoais. Primeiro, uma imagem estereotipada de que é possível um morador de Copacabana sair de casa no domingo somente pela manhã descalço, trajando apenas uma sunga, e passar o dia inteiro na rua, retornando à noite. Este homem tem entre 40 e 90 anos de idade e leva, enfiado na sunga, um maço de cigarros com tudo que precisa para passar o dia: cigarros, dinheiro (ou cartão) e, quiçá, celular, isqueiro e documento de identidade²⁰. Segundo, a narração vívida de minha mãe, anos atrás, sobre o espanto dela e de meu pai ao comparecerem a uma agência bancária em Salvador, em 1986 ou 1987, e notarem um cliente que usava *chinelo de dedo*²¹ e aguardava para ser atendido pelo gerente. Embora minha família fosse frequentadora assídua de praias, causou espanto a *casualidade* da vestimenta naquela situação e local.

Este tipo de observação vívida de modos de agir com potencial de se transformarem em fontes e material de pesquisa apareceram, no caso das praias

²⁰ Se bem que é provável que tenha contas no bar e no quiosque da praia, tornando desnecessária a posse de meio de pagamento.

²¹ O mesmo que sandálias como as da marca Havaianas.

cariocas, mais de vinte anos atrás, no prefácio do historiador J.A. Mangan²² a *Australian Beach Cultures*, de Douglas Booth (2001):

A significância da *cultura de praia* e suas miniculturas tornou-se muito evidente para mim quando, com um anfitrião generoso, eu passei pelas famosas praias do Rio de Janeiro, alguns anos atrás²³. Aqui estava uma cultura completa: uma série de comunidades de lazer estabelecidas há bastante tempo, campeonatos de vôlei e de futebol e muito mais! O sol chamava rios de pessoas de todas as idades das montanhas verdes do Rio para as areias amarelas de Copacabana e afins. Crianças cresciam lá até se casarem; mulheres casadas cresciam até se tornarem matriarcas. Famílias tinham seus locais estabelecidos, comunidades tinham seus territórios estabelecidos, times de futebol e de vôlei tinham seus campos estabelecidos. E, no pôr-do-sol, campeonatos esportivos proliferavam – ao mesmo tempo descontraídos e implacáveis (p. xv).

Cintilava, no fim do século passado, o *ir à praia* que a obra de Bert permite datar e localizar com precisão, em termos de seu estabelecimento e desenvolvimento.

* * *

Uma questão relevante destacada na resenha realizada por Booth (2022a) diz respeito ao *bronzamento*. O livro permite refletir sobre a relação com o sol e com o bronzamento não como algo *dado*, mas *construído ao longo do tempo*, ou seja, historicamente²⁴. Com isso, é possível problematizar valores do presente, evidenciando que eles não existiam e/ou que eram diferentes no passado. Por exemplo, a valorização de um corpo *moreno* devido à exposição ao sol, assunto explorado em um artigo específico de Barickman (2009). O texto cobre o período 1920-1950 e salvo engano meu, foi o primeiro a ser publicado com resultados parciais da pesquisa. O segundo e último saiu em *Recorde: Revista de História do Esporte* (BARICKMAN, 2016).

²² Editor-geral da série *Sport in the Global Society*, na qual a obra de Booth foi publicada.

²³ É muito provável que o anfitrião tenha sido Victor Melo, um dos responsáveis pela primeira vinda de Mangan “ao Brasil, se não me engano no ano de 1996 ou 1997. Ele ficou hospedado em Copacabana e eu fiz alguns passeios com ele. Também passeamos por Ouro Preto, pois ele foi para o Congresso de História da Educação Física na UFMG” (e-mail pessoal, 14 nov. 2022).

²⁴ “A primeira referência explícita ao bronzamento que encontrei em uma publicação carioca data de 1924”, mas refere-se às praias do Rio da Prata (BARICKMAN, 2022, p. 228).

O epílogo, de autoria de McCann, explora anotações de Barickman que provavelmente formariam os capítulos restantes do livro, que se estenderia até o fim do século XX. O texto aborda especificamente o período dos anos 1950 aos 1980. Entre os tópicos, a obra pública que alargou a Avenida Atlântica e a faixa de areia²⁵, possibilitando o aumento substancial do número de campos de futebol e de vôlei de praia e reduzindo drasticamente as condições para a prática do surfe²⁶. A questão da intervenção humana alterando a condição das ondas aparece também, ao tratar do píer de Ipanema e do *desbunde* da juventude que frequentava a região (BARICKMAN, 2022 p. 186)²⁷.

Está lá, nos anos 1960, a abolição, pelo governo municipal, de todas as linhas de bonde, exceto uma. Enquanto em muitas cidades europeias os bondes funcionam até dias atuais, no Rio de Janeiro vários governantes agiram como a cidade fosse muito rica, a ponto de ser possível abandonar os recursos investidos em centenas de quilômetros de linhas, ao longo de quase um século. O mesmo vale para outras obras e intervenções que são feitas umas sobre as outras, geralmente sem aproveitar aquilo que custou dinheiro público poucos anos ou décadas antes²⁸.

* * *

²⁵ A obra foi realizada entre 1969 e 1972 (p. 220).

²⁶ Tal atenção a intervenções humanas de grande escala no terreno praiano frequentemente escapa aos historiadores do surfe, sendo uma exceção rara a obra de Westwick e Neushul (2013).

²⁷ Para uma discussão sobre o tema, ver Dias, Fortes e Melo (2014).

²⁸ Por exemplo, uso atual – escasso, nulo ou incompleto/inadequado – da maioria dos equipamentos construídos e/ou reformados para os Jogos Pan-Americanos de 2007, a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, incluindo o Aeroporto do Galeão, que recebeu obras do governo federal por anos como preparação para os megaeventos e posteriormente foi privatizado pelo governo Dilma Rousseff, tendo justamente o Terminal 1, objeto das obras, sido fechado pela concessionária que ganhou o leilão de privatização (em 2023, o terminal prossegue fechado e a concessionária tenta devolver a concessão ao Estado). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/terminal-1-do-galeao-sera-desativado-no-mes-que-vem-20358313>. Acesso em 29 mai. 2023. Fenômenos semelhantes ocorreram noutros aeroportos e cidades brasileiras no período (FORTES, 2015).

Do ponto de vista dos Estudos do Lazer, o livro é *todo* sobre atividades de diversão e aborda questões políticas (incluindo políticas públicas e planejamento urbano), econômicas e culturais, de forma que pode interessar a qualquer pesquisador. A pujança dos hábitos de tomar banho de mar e ir à praia entre segmentos da população carioca, em diferentes épocas, aponta tanto para a atribuição de uma grande importância a estas atividades quanto para as relações econômicas estabelecidas a partir delas: exploração comercial, consumo, segmentação por faixa de consumo, empreendedorismo.

A obra utiliza diversidade e quantidade monumental de fontes, que incluem tanto aquelas oriundas de arquivos públicos e oficiais quanto periódicos, relatos de viajantes, peças publicitárias, anúncios classificados, filmes, vídeos, mapas e outros, além de intensa correspondência que Barickman mantinha com dezenas de pesquisadores de história do Brasil.

A fartura de fontes não deve omitir a dificuldade de acesso a elas, em muitos casos. Boa parte da pesquisa foi desenvolvida utilizando os aparelhos de visualização de microfilmes da Biblioteca Nacional brasileira. Só quem já cumpriu pena naquelas cadeiras usando aquelas máquinas é capaz de saber o quão desconfortável, irritante e desgastante a experiência pode ser.

Lembro do autor comentar comigo a dificuldade de acessar a documentação referente ao salvamento no mar, que, no Brasil, é vinculada ao Corpo de Bombeiros, uma instituição – bizarramente, diga-se de passagem – *militar*. Em geral, ao menos no Brasil, arquivos de instituições militares são mais difíceis de acessar, e a escolha de quais materiais são disponibilizados ao pesquisador está sujeita a políticas e práticas mais arbitrárias e restritivas do que no caso de instituições civis. Atualmente vinculado ao governo do estado do Rio de Janeiro, o Corpo de Bombeiros passou por uma série de

mudanças ao longo da segunda metade do século XX, com a transferência da capital do país para Brasília e a fusão entre os antigos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro. Com isso, muitos documentos se perderam e/ou são impossíveis de localizar. Barickman peregrinou por quartos, arquivos, salas e gabinetes. Boa parte do que está citado sobre este assunto diz respeito às estatísticas de salvamento em si (total de pessoas salvas, de afogados etc.), sendo difícil acessar documentos que digam respeito a todos os outros aspectos do setor e que poderiam ter sido úteis à pesquisa, como, por exemplo, informações funcionais sobre os salva-vidas e suas carreiras dentro do serviço²⁹.

Barickman também relatou dificuldade de acesso aos arquivos da TV Globo do Rio de Janeiro, após requisitar videoteipes de telejornais dos anos 1990 noticiando arrastões nas praias. A emissora cedeu poucos vídeos e alegou que não tinha cópia dos demais (correspondentes à ampla maioria do que fora requisitado) no acervo. Considerando os programas e as datas solicitados pelo pesquisador, considero improvável que tal alegação seja verdadeira. Barickman também tentou obter o material por meio do Globo Universidade, programa de relações públicas criado pela emissora para (tentar) melhorar sua imagem junto às universidades. Em tese, este programa deveria facilitar o acesso a dados e arquivos, mas, no caso da pesquisa de Barickman, de nada serviu.

Além da lista de bibliografia e fontes, o livro conta com um índice temático e onomástico – algo tão importante quanto raro no indigente mercado editorial de publicações acadêmicas no Brasil (incluindo as editoras universitárias). Destaco ainda a correção de praticamente todas as grafias em português, o que não é fácil e certamente exigiu bastante trabalho e erudição tanto do autor quanto dos organizadores e demais

²⁹ Cf., por exemplo, a nota 49, p. 195.

peessoas que participaram do processo editorial. Só fui encontrar o primeiro possível erro na página 74, onde se lê Gerocinó e, creio, o correto seria Gericinó – talvez o erro de grafia esteja na fonte utilizada, ou não se trate de erro por serem as duas grafias aceitas ou porque o nome mudou ao longo do tempo. Encontrei raríssimos outros possíveis erros até o fim da leitura³⁰.

* * *

Conheci Barickman por recomendação generosa da professora Gladys Sabina Ribeiro, do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, quando fui aluno dela no estupendo curso que deu da disciplina História do Brasil II. Há vinte anos, eu cursava graduação em História junto com o mestrado em Comunicação. Ao mesmo tempo, preparava o projeto de pesquisa para concorrer ao doutorado em Comunicação, propondo abordar revistas de surfe como fontes e objeto. Ao saber disso, ela me disse que conhecia um professor americano que também estava iniciando uma pesquisa sobre história da praia no Rio de Janeiro. Disse que ele falava português fluentemente e me passou o contato. Troquei e-mails com ele e marcamos um encontro no Arco do Teles, no Centro do Rio de Janeiro. A partir de então, encontrava-o em suas vindas ao Rio – semestrais e, posteriormente, anuais. Geralmente marcávamos no entorno das praças do Lido e do Inhangá, em Copacabana – ele costumava se hospedar nesta área em apartamentos de aluguel por temporada pertencentes a uma mesma família, para a qual telefonei algumas vezes para dar recados do “Beto”, que era como o chamavam. Sentávamo-nos em algum botequim e conversávamos por horas, enquanto traçávamos bebes e comes – no caso dele, que também adorava a Bahia, os petiscos eram sempre

³⁰ Para exemplificar, terminei recentemente a leitura de *Bandits*, de Eric Hobsbawm (1971). Não obstante a incrível capacidade do autor de lidar com fontes e bibliografia de muitos idiomas e escrever nos anos 1960 (ou seja, dependendo fundamentalmente de cartas trocadas com colegas pesquisadores de outros continentes e do material dos arquivos e bibliotecas de sua cidade), a grafia em português da palavra cangaçeiros, a mais citada em português na obra, está errada: *cangaçeiros*.

comidos com bastante pimenta. Em uma ocasião, Barickman compareceu ao atual Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e gentilmente apresentou resultados parciais da pesquisa em uma reunião do grupo de pesquisa Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer. Lembro vivamente de conversas em que Bert se mostrava entusiasmado com as fontes que descobria nos arquivos, fosse indicando a atuação de *ratos de praia*³¹ “ao menos desde meados do século XIX” (p. 29) ou os protestos dos grã-finos contra a repressão policial nas ruas de Copacabana e Ipanema.

De forma que, além de ler a obra ora materializada graças ao extraordinário trabalho dos professores Kraay e McCann, pude acompanhar, por cerca de uma década, parte da pesquisa e do trabalho que levaram a ela. Foi, sem dúvida, um privilégio.

REFERÊNCIAS

BARICKMAN, Bert J. **From Sea-Bathing to Beach-Going: a social history of the beach in Rio de Janeiro, Brazil**. Edited by Hendrik Kraay & Bryan McCann. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2022.

BARICKMAN, B. J. Medindo maiôs e correndo atrás de homens sem camisa: a polícia e as praias cariocas, 1920–1950. **Recordre**: Revista de História do Esporte, v. 9, n. 1, p. 1–66, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordre/article/view/3295/2565>. Acesso em 6 jun. 2023.

BARICKMAN, Bert J. “Passarão por mestiços”: o bronzamento nas praias cariocas, noções de cor e raça e ideologia racial, 1920-1950. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 40, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i40.21192>. Acesso em 6 jun. 2023.

BONFIM, Aira F. “O Foot-ball de Moças está dando o que falar”: festivais esportivos e o futebol das mulheres suburbanas do Rio de Janeiro (1929 a 1932). **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, p. 19-43, 2020.

BOOTH, Douglas. **Australian Beach Cultures: the history of sun, sand and surf**. London: Frank Cass, 2001.

BOOTH, Douglas. Review of “From Sea-Bathing to Beach Going: a social history of the beach in Rio de Janeiro, Brazil”. **Recordre**: Revista de História do Esporte, v. 15, n.

³¹ Ladrões que furtam pertences de banhistas.

2, p. 1-7, jul./dez. 2022a. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordre/article/download/56057/30455>. Acesso em 13 mai. 2023.

BOOTH, Douglas. Resenha de “From Sea-Bathing to Beach Going: a social history of the beach in Rio de Janeiro, Brazil”. **Recordre**: Revista de História do Esporte, v. 15, n. 2, p. 1-7, jul./dez. 2022b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordre/article/view/56058/30457>. Acesso em 13 mai. 2023.

BOOTH, Douglas. **The Race Game**: sport and politics in South Africa. London: Frank Cass, 1998.

BRANDÃO, Leonardo; MACHADO, Giancarlo; REIS, Clóvis. “Por que tanta repressão?": um estudo sobre as cartas publicadas em SKT NEWS (1988 - 1990). **Recordre**: Revista de História do Esporte, v. 16, n. 1, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordre/article/download/58975/31901> . Acesso em 29 mai. 2023.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FORTES, Rafael. O Mundial de 2014 no imaginário popular brasileiro. *In*: MARQUES, José Carlos (org.). **A Copa das copas?**: reflexões sobre o Mundial de futebol de 2014 no Brasil. São Paulo: Ludens São Paulo, 2015. p. 39-56. Disponível em: <http://www.faac.unesp.br/Home/Utilidades/a-copa-das-copas---ebook---versaofinal.pdf>. Acesso em 29 mai. 2023.

DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. *In*: FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de (org.). **Comunicação e esporte**: reflexões a partir do cinema. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2014. p. 15-30.

GOELLNER, Silvana V. Women and football in Brazil: discontinuities, resistance, and resilience. **Movimento**, v. 27, jan-dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>. Acesso em 6 jan. 2023.

HOBBSAWM, Eric. **Bandits**. New York: Dell, 1971.

LOVE, Joseph L. Bert J. Barickman (1958-2016). **Hispanic American Historical Review**, v. 97, n. 4, p. 717-718, 2017. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/article/97/4/717/132581/Bert-J-Barickman-1958-2016>. Acesso em 11 mai. 2023.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. **A gymnastica no tempo do Império**. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2014. (Coleção Visão de Campo)

NAURIGHT, John. **Sport, Cultures and Identities in South Africa**. London: Leicester University Press, 1997.

THOMPSON, Glenn. 'Certain political considerations': South African competitive surfing during the international sports boycott. **The International Journal of the History of Sport**, v. 28, n. 1, p. 32-46, January 2011a.

THOMPSON, Glen. Reimagining Surf City: surfing and the making of the post-apartheid beach in South Africa. **The International Journal of The History of Sport**, v. 28, n. 15, p. 2115-2129, 2011b.

WESTWICK, Peter; NEUSHUL, Peter. **The World in the Curl**: an unconventional history of surfing. New York: Crown Publishers, 2013.

Endereço do Autor:

Rafael Fortes

Endereço Eletrônico: rafa.fortes@gmail.com